

# Previsões para 97 indicam 'avanços modestos'

Consultorias esperam inflação na faixa dos 7% e crescimento de 4%, se reeleição for aprovada

DENISE NEUMANN

A aprovação da emenda que permite a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso é um pressuposto dos cenários macroeconômicos do próximo ano. Se a emenda for rejeitada, todas as previsões serão revistas. Para os consultores, 1997 será um ano de avanços modestos.

A economia ainda cresce em um ritmo moderado e insuficiente para criar mais empregos. A tendência é de pequeno crescimento da taxa de desemprego. As principais preocupações continuam a ser o déficit das contas externas e a capacidade do governo ajustar suas contas.

Com a inflação de 1996 ficando muito próxima a 10%, as previsões para 1997 se tornaram ainda mais positivas. Há quem aponte a possibilidade da alta do custo de vida ficar em 5%. Ausência de reajustes de tarifas públicas, estabilidade de preços, custo de serviços ajustados e ausência de pressão em alimentos são as razões das boas expectativas com o ano.

Para Carlos Guzzo, superintendente da Assessoria Econômica do Banco Pontual, se a "reeleição não for aprovada, o cenário apontado muda de ponta cabeça". Com reeleição, o cenário é de menor fôlego no consumo, essa previsão foi revista. O governo vai esperar as vendas de final de ano e o movimento de reposição de estoques para avaliar se as medidas serão ou não necessárias para evitar crescimento superior a 4% ou 5%.

## DÉFICIT COMERCIAL SERÁ AINDA MAIOR

ca incerto, na avaliação de Guzzo: pode não ser suficiente para dar tranquilidade ao financiamento do déficit externo.

Entre as incógnitas, está a adoção ou não de medidas restritivas após a apreciação da emenda da reeleição. Até outubro, esta era uma certeza dos analistas econô-

leição, o cenário é de crescimento de 4%, inflação próxima a 7%, déficit comercial alto, mas financiado com boa entrada de recursos externos diretos e para a privatização. Sem reeleição, o fluxo de recursos fi-

cos. Com os sinais de menor fôlego no consumo, essa previsão foi revista. O governo vai esperar as vendas de final de ano e o movimento de reposição de estoques para avaliar se as medidas serão ou não necessárias para evitar crescimento superior a 4% ou 5%.

**Déficit público** — Flávio Nolasco, sócio da MA Consultores Econômicos, vai na contramão dos que vislumbram um ano apenas médio para as contas do governo. "O maior ganho da economia em 1997 é fiscal, existe uma série de fatores que colocam o ano em uma situação mais favorável", diz Nolasco. Ele não prevê superávit, mas estima que o déficit vai ficar em 1,9%

do PIB, menos da metade dos 4% previstos para encerrar o ano de 1996. As outras consultorias trabalham com números bem maiores, na média superiores a 3%, que era o resultado inicialmente projetado para este ano. O Lloyds Bank admite a possibilidade do déficit ficar entre 2,5% e 3,0% do PIB e a LCA projeta 2,9%.

Entre os fatores que permitirão uma melhora fiscal, Nolasco lembra da maior arrecadação prevista e do programa de desestatização. "Vai ser um ano forte em privatizações", observa. O departamento econômico do Citibank tem avaliação parecida, mas também destaca pontos que vão agir contra a melhora das contas públicas.

Pelos cálculos do Citi, a CPMF e as alterações no Imposto de Renda vão garantir ao governo uma arrecadação extra de R\$ 8 bilhões em 1997. Além disso, o pacote de cortes de despesas em estatais e de pessoal anunciado em outubro vai permitir uma redução de 0,4% do PIB em gastos do governo federal.

Na outra ponta, jogam contra a redução do déficit a concessão de reajuste salarial ao funcionalismo depois de reajuste zero em 96 e a incerteza quanto à renovação do Fundo de Estabilização Fiscal a partir de julho.

"Ocorrerão alguns ganhos importantes na área fiscal", avalia Carlos Kawall Leal Ferreira, economista-chefe do Citibank. Mas ele

lembra que é preciso cautela pois a reforma administrativa e o ajuste nos Estados não tem impacto no ano, pois representam desembolso imediato de recursos por parte do governo. Para Kawall, "se continuar a trajetória de queda de juros, dá para ter em 97 o que se esperava para 96". Isto representa déficit de 3,0% do PIB.

**Atividade** — "O governo não deve permitir taxa de crescimento maior que 4,0% para evitar problemas com as contas externas", diz o chefe do Departamento Econômico do Banco JP Morgan, Marcelo Carvalho. "Se necessário, ele vai conter a demanda doméstica por meio de restrições ao crédito", afirma.

Essa necessidade, contudo, ainda não está clara, depende das vendas do final do ano e do movimento de reposição de estoques no início de 1997.

Um crescimento de 4% no Produto Interno Bruto (PIB) é o número mágico projetado pelos analistas para 1997. Nolasco, da MA, discorda e acredita em uma taxa superior, mais próxima de 5%, mas que ainda assim será insuficiente para criar empregos.

Para Dany Rappaport, da MCM Consultores, o PIB aumenta 4,2%, com a indústria crescendo 3,6%. Para ele, continua a maior demanda por bens de consumo duráveis, especialmente mais sofisticados, como microondas e televisores de tela grande. O setor de serviços cresce 4,2% e o setor primário chega a 6,5%, puxado pela boa safra agrícola. Em serviços, o destaque é telecomunicações e transportes.

## OITO VISÕES DO ANO DE 1997

Cenários macronômicos para 1997/ por consultoria

INDICADORES	LLOYDS BANK	MCM Consultores	MA Consultores Econômicos	BANCO PONTUAL	CITIBANK	JP MORGAN	CORECON	LCA Consultores
Inflação (em %)	7.5/8.5	7.0*	5.0/6.0**	7.5*	7.0*	7.6**	7.0***	6.2*
PIB (em %)	3.5/4.5	4.2	5.0	3.7	4.0	3.8	4.0	3.9
Investimento (em % do PIB)	19.0/20.0	17.3	19.1	18.0	-	-	17.0	17.5
Taxa de juros (real sobre inflação)	10.6/11.6*	13.55*	13.2**	12.1*	11.7	-	-	13.0
Taxa de câmbio (R\$ x US\$)	1.10/1.11	1.09	6.0 (%)	5.7 (%)	1.049	1.12	1.09	1.095
Saldo da balança comercial (em US\$ bilhões)	-6.0/-4.0	-6.2	-5.1	-5.9	-6.8	-8.4	-7.0	-6.4
Exportações (em US\$ bilhões)	-	50.0	53.7	52.30	50.7	51.4	52.0	50.6
Importações (em US\$ bilhões)	-	56.2	58.8	58.20	57.5	59.8	59.0	57.0
Balança em conta corrente (em % do PIB)	3.0/3.5	-3.4	-2.9	-3%	-2.86	-3.3	-	-3.3
Reservas internacionais (em US\$ bilhões)	57.0/58.0	-	65.3	60.0	55.8	54.7	-	63.0
Déficit Público (em % do PIB)	-2.5/-3.0	-3.2/3.5	-1.9	-3.7	-3.0	-3.9	-3.5	-2.9
Taxa de desemprego	6.0/6.5	5.5	6.0	5.6	-	-	-	-

\* IPC/Fipe \*\* INPC \*\*\* IGPM/FGV